

PORTFOLIO

Ainda que sejam a mesma pessoa, são identidades diversas a que faz e a que fala com palavras sobre seu trabalho. Esta última tenta, com estranheza, descrever aquilo que foi criado “num jogo sutil entre eu e mim” (foi Duchamp quem disse esta pérola sobre as relações do artista com seu processo criador). Para falar da menina da primeira fotografia, da mulher com olhos preênsos da segunda foto, da moça comprimida pelo tempo e do grande seio sobre pedestal das imagens seguintes, é preciso não violar as regras deste jogo e ter a convicção de que as palavras escritas agora, antes ou depois, não representam em primeira mão, nem em segunda. Podem ser um fantasma ou um vulto daquilo não poderá nunca ser dito porque tem uma natureza muda, só de visibilidade. Posto isto, permito-me aqui...

...falar de uma menina de ferro grave e escuro, como o poder patriarcal que a mantém menina pesada, que lhe atravessa a cabeça e confunde seus pensamentos, criando obsessões que vão dos delírios de poder à imaginação do que seria retidão de comportamento...

É possível que a mulher que se encontra na situação da segunda imagem fosse...

...alguém que é só cabeça, e a angústia da situação de eternamente prisioneira da imobilidade lhe sai pelos olhos. Ou, a quem os desejos exacerbados por seus limites produzem olhos preênsos. Ou ainda, exatamente por seus desejos serem tão exasperados, ao ponto de lhe saírem

pelos olhos, a condição de só cabeça tenha vindo como solução terapêutica de redução de sua esfera de percepções.

(Na verdade, não se trata de patologias, mas de reações ao tête-a-tête com os limites, com os quais, prosaicamente, todos convivemos.)

Em Resumo (Duchamp aqui de novo, inspirando este título), tem cabeça de bebê - que nos olha - e pés e mãos infantis que partem de um dorso feminino...

... a pobre era criança e já sentia tudo naquele peito imenso. Ou, talvez, os sentimentos infantis – mais que isso, primitivos – dessa mulher são tão intensos que resultam na regressão de seus membros e de sua cabeça. Ou ainda, a moça vive todas as memórias simultaneamente; não consegue abrir mão de nada, do que já foi ou do que será. Deve ser uma situação difícil, como a de uma pintura barroca.

Mamãe, a última fotografia, é uma homenagem. A todas as mães, à fonte de felicidade e de vida, à satisfação plena, à completude. A tudo aquilo que nos falta – e que nos move.

Cristina Salgado
Rio, 19 de agosto de 1997.



Imagem 1: SEM TÍTULO, faz
parte da série *MENINAS*
18 x 20 x 10 cm (mais base:
145 x 10 x 10 cm)
Ferro fundido
1993 (Foto: Jorge Cruz)



Imagem 2:SEMTITU-
LO, faz parte da série
HUMANOINUMANO
20 x 20 x 20 cm (mais
almofada de veludo
de 30 x 30 cm)
Ferro fundido
1995 (Foto: Marco
Terranova)

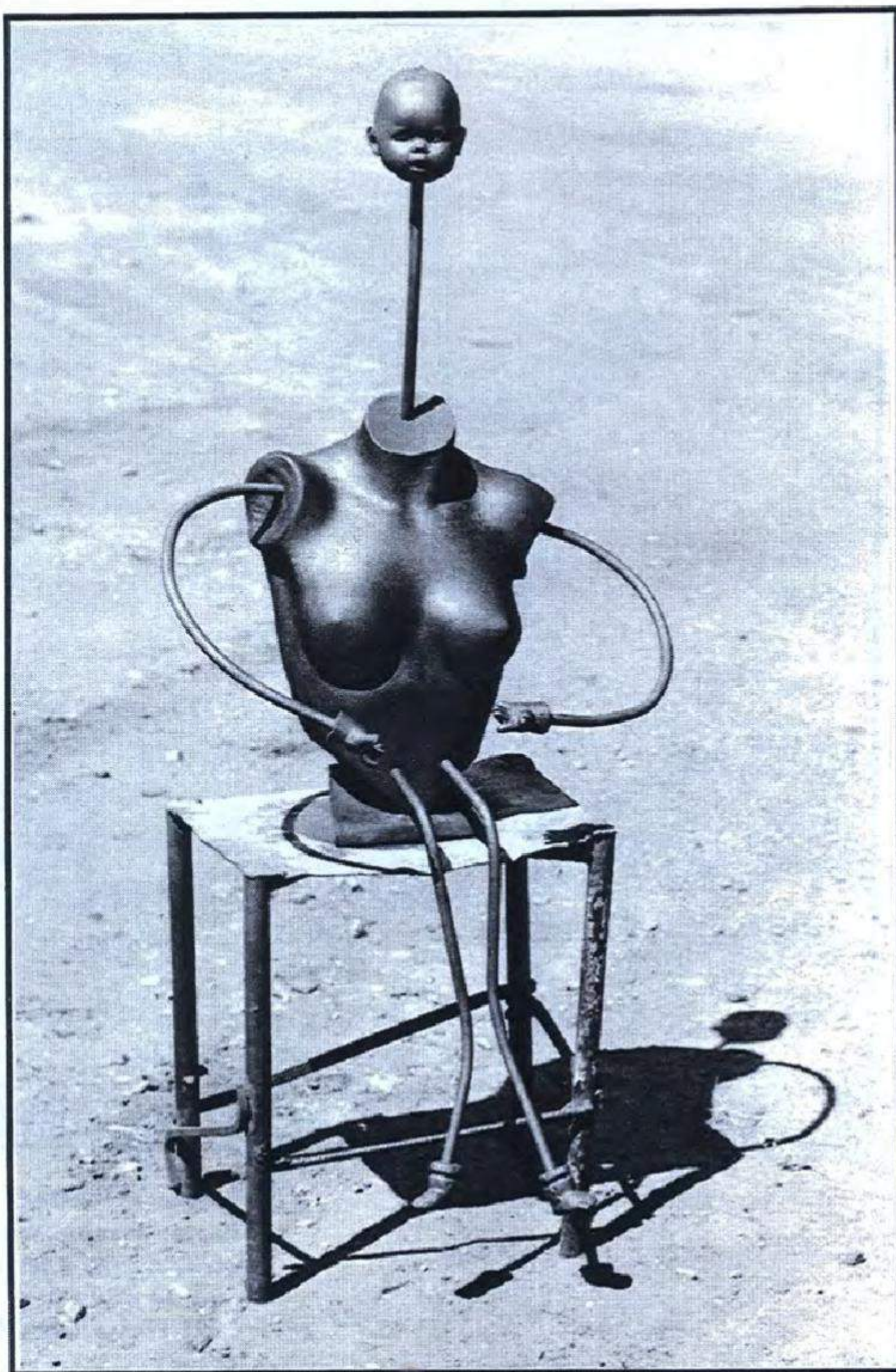


Imagem 3: EM RESUMO
Ferro fundido e banco
de aço
140 x 65 x 50 cm
1996/7 (Foto: Lóris
Machado)

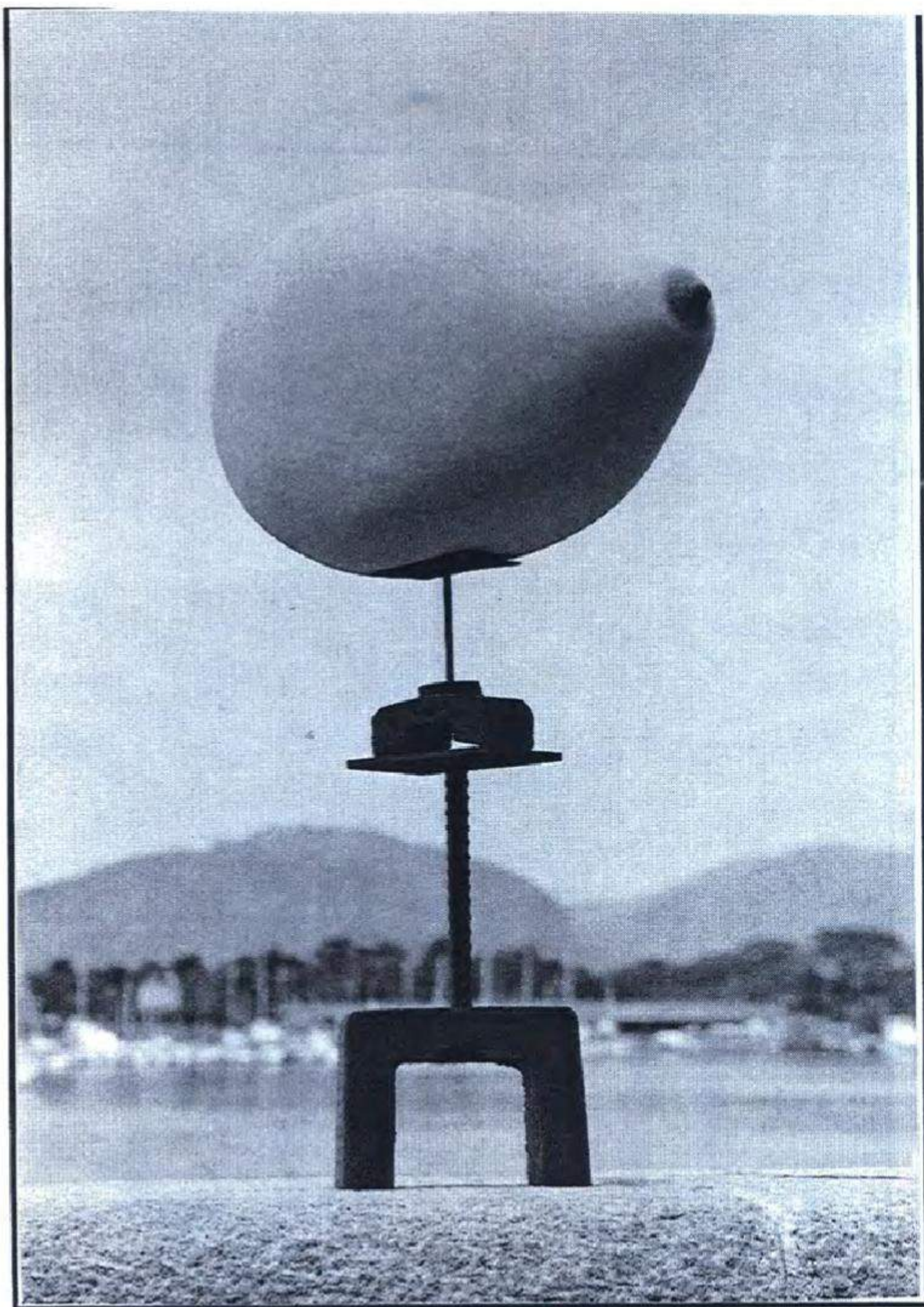


Imagem 4: MAMÃE
Papier maché, massa
acrílica, tinta e ferro
50 x 20 x 30 cm
1997 (Foto: Lóris Ma-
chado)